

Antígona Gelada

ARMANDO NASCIMENTO ROSA

Colecção
Fluir Perene

PREFÁCIO
MARIA DO CÉU FIALHO



AUTOR: ARMANDO NASCIMENTO ROSA

TÍTULO: ANTÍGONA GELADA

EDITOR: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

EDIÇÃO: 1ª / 2008

© do autor (Armando Nascimento Rosa) e CENDREV

CONCEPÇÃO GRÁFICA: FLUIR PERENE

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: DESIGN MILIDEIAS SOBRE FOTO DE PAULO NUNO SILVA
(MARIA MARRAFA NA PERSONAGEM DE ANTÍGONA, CENDREV, 2008)

TIRAGEM: 200 EXEMPLARES

APOIOS:

FLUIR PERENE

UI&D – CECH/POCI 2010

CENDREV

IMPRESSÃO E PAGINAÇÃO:

SIMÕES & LINHARES, LDA.

AV. FERNANDO NAMORA, N.º 83 - LOJA 4

TEL.: 239 084 200 | FAX: 239 082 199

3030-185 COIMBRA

PEDIDOS: CENDREV E ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS (APEC)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-95751-9-6

DEPÓSITO LEGAL: 286 601/08

NOTA DE ABERTURA

É próprio do teatro voltar a contar histórias conhecidas, reinventando-as de novo para as fazer falar acerca de um imaginário presente que nos é comum.

Antígona Gelada traz à cena uma nova visão em acção dessa trágica filha de Édipo que constitui, a partir da Modernidade, a mais icónica das figuras do teatro grego antigo, no que à dimensão ética diz respeito.

Imaginei o drama de Antígona algures numa sociedade futura, que fosse capaz de projectar suposições e fantasmas de hoje, de modo a sentirmo-nos, em simultâneo, distantes e cúmplices, face ao que a ficção da cena nos devolve de nós mesmos.

O lugar continua a ser a Tebas da narrativa mítica e dramaturgica, mas já não a que Sófocles recriou em espelho transfigurado para a sua Atenas do séc. V a.C. Trata-se agora de Tebas 9, uma colónia espacial remota situada em Caronte, satélite que orbita em torno de Plutão (um astro despromovido que era até há bem pouco tempo o nono e mais gélido dos planetas do sistema solar, mas deixou entretanto de ser considerado planeta pela comunidade científica). A acção decorre nesse futuro incerto, em que a humanidade vive e subsiste fora da Terra onde nasceu. Um cenário que nos é familiar pela ficção científica e no qual a fábula mitopoética e política de Antígona volta de súbito a acontecer. Como dirá Polinices, no diálogo mantido quando Antígona sonha com ele: «Imagina no passado pessoas com os nossos nomes que vivessem dramas idênticos aos nossos, mas a memória delas perdeu-se e

por isso repetimos os seus erros. E mesmo se nos lembrássemos, talvez tudo acontecesse de novo e diferente outra vez.»

Outrora, a Antígona sofocliana prestava o culto fúnebre do enterramento ritual, que a lei da cidade interditou, ao cadáver de Polinices, o irmão morto em batalha, caído em desgraça por se opor ao tirano Creonte. Nesta peça, Polinices protagonizou um atentado falhado contra a vida de Creonte. Matou em vez dele o seu irmão Etéocles, que escudou o dirigente de Tebas 9, e Polinices é morto de imediato pelos guarda-costas de Creonte. O representante máximo do poder em Tebas 9 ordena que o cadáver de Polinices seja destruído, para que o seu património genético seja irrecuperável, num tempo em que a clonagem humana é uma prática comum. Mas Antígona deseja transgredir essa deliberação, procedendo a uma colheita de tecidos do corpo do irmão. Esta militar de carreira pretende gerar em si um clone de Polinices.

É este o ponto de partida para uma *Antígona* transgénica, como lhe chama o engenheiro genético Tirésias, nas palavras com que abre o espectáculo. Os enredos conhecidos *a priori* foram modificados: Jocasta foi clonada, e existem em cena duas mulheres com o seu nome; Édipo não se cegou mas, em vez disso, hiberna por vontade própria; Hémon é um *performer*, viúvo de Polinices; Creonte esconde um crime ignóbil; Ismena é amante do tio e dirige o mais poderoso império mediático de Tebas 9; a Esfinge foi uma cobaia híbrida, concebida nos laboratórios do Ministério da Defesa, no intuito de criar o soldado ideal. Será Antígona também ela uma mutante, bisneta da Esfinge, como lhe assegura a demência lúcida de Crisipo?

Nesta peça que homenageia discretamente Philip K. Dick - no ano em que ele faria 80 anos se fosse vivo -, a tragédia grega antiga, de

que somos herdeiros perenes, cruza-se com uma ficção científica cujos terrores são nossos contemporâneos.

A encerrar esta nota de abertura, quero deixar uma palavra de gratidão amiga dirigida aos helenistas do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Maria de Fátima Sousa e Silva e Delfim Leão, pelo entusiasmo e interesse com que acolheram esta minha *Antígona Gelada*, e em especial para Maria do Céu Fialho que prefaciou e impulsionou esta primeira edição em livro, bem como para José Ribeiro Ferreira que tornou possível a publicação da peça no momento da sua estreia cénica² pelo Cendrev - Centro Dramático de Évora, com encenação de João Mota.

Lisboa/Évora, Novembro de 2008

² Os excertos de texto que surgem na presente edição entre parêntesis rectos correspondem a passagens que foram suprimidas, por motivos de agilização dramática, para a versão cénica de estreia. As variantes pontuais da versão cénica aparecem, por sua vez, assinaladas em notas de rodapé.